



+ Ilídio Pinto Leandro
Bispo de Viseu



NOTA PASTORAL

Todos Discípulos. Todos Responsáveis

O Plano Pastoral para o primeiro de 10 anos, na vivência e concretização do Sínodo Diocesano, convida-nos a ser “Todos Discípulos e Todos Responsáveis”. Somente neste tom, podemos cumprir o mandato do Senhor Jesus: “O Senhor enviou-nos a anunciar um Ano Favorável” (cf. Lc 4, 18-19), de onde partimos para este Ano Pastoral 2016-2017.

Ao dizermos que somos Discípulos Responsáveis, dizemos que somos discípulos missionários, numa Igreja em saída e que assumimos o mandato de Jesus, de ir até às periferias... Dizemos que nos queremos tornar plena e totalmente cristãos, vivendo a Misericórdia e anunciando as Bem-aventuranças. Ao mesmo tempo, dizemos que queremos sair do nosso conforto, seguir Jesus e estar com Ele – hoje e agora – nas Suas propostas e nos Seus desafios.

Seguir Jesus e estar com Ele – onde, como e para quê? Onde for necessário, anunciando um “ano favorável”, como fazia e faz Jesus (cf. Lc 4, 19). Este “ano favorável” contém um anúncio verdadeiramente feliz: Jesus Cristo está vivo, vive connosco, dá-nos a partilhar a Sua vida e quer que anunciemos esta Boa Nova a todas as pessoas. Hoje, como outrora, todas as pessoas a

quem é anunciado o “ano favorável”, vêem a salvação do nosso Deus e obtêm as graças de um auxílio oportuno.

Para isso, Ele confia em nós. Somos os Seus amigos para levar esta feliz notícia a todos (cf. Mt 28, 19). O sinal desta confiança, é o chamamento que nos faz, levando-nos a partilhar a Sua alegria e a dizer-nos que somos Seus amigos (cf. Jo 15, 15). Como Discípulos Responsáveis de Jesus Cristo, somos convidados a fazer este anúncio onde vivemos, onde estudamos, onde trabalhamos, onde passamos as férias e os tempos livres, onde estamos e onde somos chamados a ir...

Para que o anúncio seja eficaz, na construção de uma Igreja ‘nova’, a gerar e a fazer um mundo novo, deve ser marcado por algumas notas e características. Eis as principais: fidelidade, criatividade e comunhão. É o que vou desenvolver, um pouco, de seguida, apresentando alguns pontos que importa ter em conta, no próximo Ano Pastoral.

1. Fidelidade

Em primeiro lugar, vemos a fidelidade da Igreja, desde o início, ao seu Fundador – Jesus Cristo. Fundou-a no Espírito Santo e organizou-a com os discípulos que começaram a alargar-se e a multiplicar-se nos primeiros cristãos. Nunca, como neste princípio, o tema deste ano esteve tão vivo e tão vivido... O discipulado marcava, profundamente, a identidade, a vocação e a missão de cada cristão. Cada discípulo assumia com inteira e profunda responsabilidade a sua missão – testemunhar Jesus Cristo até ao martírio, se fosse necessário. Sentiam-se, de verdade, “todos Discípulos, todos Responsáveis”.

É muito importante procurar as referências do início da Igreja e recuperar as que marcam a novidade nascente desta vida nova em organização. Foi esta nota que inspirou o Papa João XXIII para anunciar o Concílio Ecuménico Vaticano II, desejando que a vida dos cristãos, no nosso tempo, tivesse a alegria e o entusiasmo das origens e fosse capaz de transmitir a mesma força de testemunho.

Esta fidelidade inspira-nos uma atitude de ação de graças, de louvor e, também, de reencontro com Jesus Cristo. Inspira-nos para rezar com o Papa João XXIII que, logo depois da sua eleição, pedia um novo Pentecostes para a Igreja: «Renovai tudo isto em nossos dias; renovai o fogo e o poder, as línguas e o louvor, a alegria e o testemunho, os dons e os carismas, as graças do princípio» (25 de Janeiro de 1959).

Pedindo tudo isto, queremos ser fiéis ao “princípio”, dando graças pelo que o Senhor realizou na nossa Igreja de Viseu, com o Sínodo Diocesano e pedindo as graças e as forças necessárias para a perseverança nos propósitos e nos desafios que as Constituições nos apontam. É a fidelidade à nossa Igreja de Viseu e à sua e nossa história. Esta fidelidade vive-se enquanto Discípulos Missionários de Jesus, seguidores do Mestre que está vivo e presente na Sua Igreja. A fidelidade leva-nos a ser responsáveis e a caminhar, construindo novas propostas, capazes de apresentar um rosto sempre novo de Jesus Cristo e da Sua Igreja, a caminhar com os homens do nosso tempo.

A fidelidade não nos tira a novidade nem a alegria ou a beleza das surpresas de Deus. Como diz o Papa Francisco na Bula da Misericórdia, nº 25: “Deixemo-nos surpreender por Deus. Ele nunca Se cansa de escancarar a porta do Seu coração, para repetir que nos ama e deseja partilhar connosco a Sua vida”. Estas surpresas acontecem sempre que nos deixamos amar por Ele e quando, nesse amor, nos descobrimos irmãos de todos aqueles aos quais somos enviados.

2. Criatividade

A fidelidade ao “princípio”, enquanto inspiração, projeto e vida nova, pede-nos permanente renovação e contínuo recomeço. Somente com muita criatividade se pode responder a estes desafios que apresentam a Boa Nova de Jesus Cristo, nova e bela em cada tempo e para cada pessoa, sem nunca se repetir. A criatividade é essencial para que possamos seguir Jesus Cristo, na medida em que Jesus é o Homem Novo, a inspirar a novidade plena na vida do cristão.

Os Sacramentos são, cada um à sua maneira, fonte de renovação e de criatividade, na medida em que transmitem Jesus Cristo – o Homem novo. A sua catequese e a sua celebração devem ajudar a esta novidade que eles imprimem na vida dos cristãos, novidade que deve aparecer e manifestar-se em cada dia.

A Fonte destas características essenciais à vida da Igreja é o Espírito Santo. Ele é caminho e força de renovação e de vida sempre nova. Por isso, é o Espírito Santo Quem inspira a renovação na Igreja e Quem lhe imprime as notas fundamentais da mudança. Esta renovação supõe, sempre, um novo recomeço que encha de vida nova todas as coisas. Um novo recomeço que se atualize em cada pessoa e que anime e faça rejuvenescer cada comunidade.

Criatividade é diferente de simples atualização e de modernização, ainda que suponha capacidade de abertura aos tempos novos e aos desafios de cada tempo. A criatividade não exige que tudo seja novo mas que se esteja aberto a iniciar sempre cada iniciativa e a viver cada experiência de vida com coração novo. Supõe que não tememos a novidade mas que estamos sempre muito abertos e desejosos de participação nas realidades novas que surgem

em cada circunstância. É a reafirmação da proposta para este ano que somos chamados a viver à maneira dos primeiros cristãos: “Todos Discípulos. Todos Responsáveis”

Criatividade e fidelidade não se opõem, mas complementam-se. A fidelidade aos valores deve suscitar a necessária criatividade para que continuem a ser valores, em tempos novos e para as pessoas novas de cada tempo. Para isto, importa dar-lhes a dimensão de autêntica renovação, num novo começo e num novo tempo para que acolham a novidade de cada tempo, de cada pessoa e de cada circunstância. Supõe que acolhem e acompanham necessárias adaptações e possíveis e convenientes mudanças.

3. Comunhão

A comunhão sempre foi e sempre será essencial à vida da Igreja e marca todas as outras notas importantes. Jesus pediu-a ao Pai, na hora da Sua partida e sentiu-a decisiva “para que o mundo creia” (cf. Jo 17). A comunhão supõe determinadas características, tais como: abertura, acolhimento, partilha e solidariedade. Todas estas nos parecem muito interligadas e a necessitar de fazer caminho, construindo os vários aspetos da comunhão humana e eclesial.

A abertura coloca-nos na atitude e na disponibilidade de receber os irmãos, sempre que eles precisam de crescer na comunhão. Abrirmo-nos aos outros, faz-nos sair ao encontro das diversas situações de periferias existentes na nossa vida ou à nossa volta. Não podemos permanecer dentro de nós, fechados aos outros, pois “cada homem é meu irmão” e Deus é Pai comum de todos. Ser cristão é pertencer a uma grande família que tem Deus como Pai,

Maria como Mãe e, nesta família, somos todos irmãos. A oração do Pai Nosso traduz, de forma bela mas comprometida, esta dimensão de família. Importa que, na Eucaristia, seja rezada com expressiva criatividade e seja traduzida na ação de cada dia.

O acolhimento é uma qualidade muito própria dos cristãos e um valor para todos os que olham os outros como irmãos. A oração do Pai Nosso levamos a abrir fronteiras e a deitar abaixo todos os muros, pois Deus é Pai de todos e o Seu mandamento é o amor. Perante qualquer outro, sou chamado a abrir o coração, imitando Deus Pai que é rico em Misericórdia e tem o seu coração voltado para todos e sempre aberto e acolhedor para aqueles que O invocam.

A partilha é consequência dos valores anteriores. Perante os outros que são meus irmãos, o que tenho pertence a todos e não posso chamar meu a nada que faça falta a alguém. É necessário recuperar a alegria e o entusiasmo das origens (cf. Act 2, 42-47), fruto da comunhão entre todos e de nada faltar a ninguém, pois repartiam tudo com os que, entre eles, necessitavam.

A solidariedade é um dos valores que têm melhor aceitação social, ainda que a sua carga não seja aceite na total radicalidade nem, muito menos, seja posta em prática, nas circunstâncias precisas. Para viver a solidariedade, importa construir a caridade entre todos, no amor e na partilha com todos os outros.

WISEU, 12 de Junho de 2016

Bispo Ilídio Leandro